

OBRAS DE

RAMADA CURTO

I VOLUME

O ESTIGMA

PEÇA EM 3 ACTOS



OBRAS
DE
RAMADA CURTO

I VOLUME

O ESTIGMA

PEÇA EM 3 ACTOS



LIVRARIA SIMÕES LOPES
PORTO

O ESTIGMA

PRIMEIRO ACTO

PERSONAGENS

D. MADALENA	50	anos
CLARA	19	»
MANUEL	24	»
TIO JOÃO	60	»
DR. SEQUEIRA	50	»

ANSELMO, criado velho

ÉPOCA DA ACÇÃO

1903

Representada no Teatro do Principe Real
em 1 de Junho de 1905

PRIMEIRO ACTO

Uma sala em casa de D. Madalena. Ao fundo, do lado esquerdo, um envidraçado com duas saídas separadas para o jardim; dos lados dois vasos sobre suportes de madeira com plantas de sala; à direita, sobre a pedra dum fogão, um relógio, jarras pequenas e dois castiçais e, por cima, pendurado na parede, um grande retrato a óleo representando um homem ainda novo. A um dos lados da cena um sofá baixo, pequeno, em veludo vermelho, da mesma cor dos reposteiros das portas, com duas poltronas aos lados. Do lado oposto uma secretária preta com livros, papéis, um tinteiro, e tendo em frente uma cadeira de couro com pregos amarelos. Nos intervalos das portas dum lado e doutro dois contadores com bibelots e flores. Cadeiras, etc.

A mesma cena em todos os actos.

CENA I

Manuel, Clara e D. Madalena

(Clara sentada no sofá enrola um novelo de fio; Manuel numa banquetta pequena a seus pés, segura nas duas mãos a meada, ajudando-a a dobar. D. Madalena está sentada na poltrona).

CLARA

Tem cuidado. Não voltes a mão antes do tempo. Agora... Isso, assim...

MANUEL

Já vai melhor. É questão de prática.

CLARA (*rindo*)

A mamã já viu; parece um aleijado.

MANUEL

Ora qual! Eu até faço isto com muita graça... Em, pequeno sabia eu uma cantiga que me recorda isto. Era assim: (*Canta, fazendo gestos com a mão*) «Rodriguinho do campo, namoradinho, como vai grave, requebradinho».

CLARA

Está quieto. Que desastrado! Ora vêς...

D. MADALENA (*tirando a meada das mãos de Manuel*)

Dá cá isso. Embrulhaste-me tudo. Eu logo vi... Que demónios estes. Dêem cá.

CLARA

Eu não tive a culpa mamã. Foi ele que não tem jeito nenhum.

D. MADALENA

Vês; está aqui uma embrulhada que ninguém a entende. Ora isto!... Vão-se embora, vão. Não servem para nada.

MANUEL

Eu agora prometo ter juízo.

D. MADALENA

Nada, nada...

CLARA (*beijando-a*)

Não ficou zangada comigo, a minha mamã Lena?

D. MADALENA (*sorrindo e beijando-a também*)

Não, queridinha.

MANUEL (*tenta abraçá-la*)

E então eu, mamã? Não tenho nada...

D. MADALENA (*rindo, tentando afastá-lo*)

Não, não. Tu és um desastrado, vai-te.

MANUEL

Oh! mamã.

CLARA (*abraçando-a*)

É só para mim... é só para mim... Surriada.

MANUEL

Não senhor, não é justiça. Eu vou fazer valer os meus direitos. *(Abraça-a do outro lado, beijando-a. Clara puxa-a para si).*

D. MADALENA

Deixem-me demónios, que me afogam... Estejam quietos... Deixem-me.

CENA II

Os mesmos e o tio João *(que entra do fundo)*

TIO JOÃO *(parando a meia cena, olhando os três)*

Bonito grupo, sim, senhor, bonito grupo!

CLARA *(desprendendo-se)*

Olha, o senhor João!

MANUEL

Meu tio, por esta casa...

TIO JOÃO

É verdade. E olha que me custou bem a cá deitar. É longe e eu estou velho. *(A Clara)* Menina Clara, como passa... Tu, rapaz, como vais... Adeus Madalena. De saúde, anh!

D. MADALENA

Bem... Senta-te, vens cansado.

TIO JOÃO (*sentando-se no sofá
ao lado de D. Madalena*)

Ralhavas com eles, hein! Alguma te fizeram...

D. MADALENA

São uns malucos... Quase que me afogavam...
(*Tentando desembaraçar o fio*) Ora vê tu como
eles me embrulharam tudo.

TIO JOÃO

Dá cá, eu ajudo-te.

D. MADALENA

Mas é que está emaranhado de tal forma...

TIO JOÃO

Deixa ver. (*Ajuda D. Madalena*).

CLARA

Vês! por tua culpa. Que prazer tiveste nisso?

MANUEL (*em voz mais baixa*)

O prazer de estar ao pé de ti a olhar-te... Se
aquela meada não tivesse fim, Clarita?!...

CLARA (*sorrindo*)

Maluco...

TIO JOÃO

O mal já está remediado.

D. MADALENA

Também hoje não faço mais nada.

TIO JOÃO

É no que te entretens?

D. MADALENA

É. Distraí-me. Não tenho com quem falar...

TIO JOÃO

Então não tens aqui tão boa companhia? A menina Clara...

D. MADALENA

Quando ela está...

CLARA

Eu venho sempre que posso. O papá sai de manhã, só volta à tarde para jantar. Fico eu sòzinha e a mamã... Se vou a deixar uma só para vir acompanhar a outra, têm ciúmes e fica uma mal comigo. Reparto o tempo o mais igualmente possí-

vel entre as duas minhas mããs. E a mamã Lena podia muito bem ir lá a casa um dia por outro. Ainda ontem o papá o disse... Mas não quer ..

D. MADALENA

Não é não querer, filha...

MANUEL

A mamã mesmo lhe faria bem sair um bocado.

TIO JOÃO

Decerto.

MANUEL (*que tem subido até junto
do envidraçado*)

Hoje, por exemplo, que está um dia lindo.

CLARA

A mamã lá ficou sòzinha. E o papá combinou comigo vir buscar-me às cinco horas para jantar. Não pode tardar muito.

MANUEL (*junto ao envidraçado
ainda*)

Que delicioso dia! Clarita, queres vir dar um passeio no jardim?...

Nota final

O autor acaba de rever as provas desta peça. Devem ter ficado mal revistas. Mas, na verdade, a peçazinha não merece mais. No «Prefácio» classifiquei-a duma «obra ingénua». Já estava esquecido do que ela era. Relendo-a, chamo-lhe uma obra infantil para não lhe chamar, com crueldade, pior. Ah! porque não quiz a sorte que, aos dezasseis anos eu não me tivesse inclinado para qualquer modalidade desportiva!

Que orgulho eu não teria hoje se tivesse sido um precursor — por exemplo — do *hóquei* em patins, em vez de ter vindo a dar num fazedor de fábulas literárias e teatrais!

Ao comprador do volume eu peço antecipadamente desculpa. Esta peça é apenas uma curiosidade histórica, a primeira na vida dum homem que já escreveu 32! A quatro peças por bateria já são 8 baterias! É objecto — como diz o vulgo!

RAMADA CURTO

